



A nebulosa do Anel (M57).

O céu de maio

É certo que, nos primeiros dias deste mês, ao princípio das noites, apenas se avista um planeta, dos cinco observáveis à vista desarmada. De facto, Júpiter tem estado visível há já alguns meses, projetando-se agora praticamente na direção de sul, às 21h30, momento a que se refere o “mapa do céu”. No entanto, com o passar dos dias, o movimento de translação da Terra faz com que o Sol se “atrasse” relativamente às (outras) estrelas, do que resulta o facto (bem conhecido) de, a seguir ao pôr do Sol, o céu se apresentar progressivamente mais “tombado” para oeste. Por isso, a constelação do Leão – na qual se projeta Júpiter –, agora na direção de sul, por volta das 21h30, apresentar-se-á um pouco mais para a direita, enquanto (pelas mesmas razões) constelações como Oriente, Cão Maior e Gémeos mergulham no horizonte, a oeste, e outras – como Balança e Escorpião – vão emergindo a este. A partir de meados do mês, já se avistará

toda a constelação da Balança, bem como algumas das estrelas da “parte dianteira” do Escorpião, nas quais se projeta Marte. No dia 21, data de Lua Cheia, o Sol esconder-se-á nos lados de oeste e, no mesmo momento, surgirá a Lua no lado oposto, “trazendo” consigo o Escorpião e o planeta vermelho. Essa será uma boa ocasião para identificar Marte, que, no dia seguinte, se alinhará no espaço com a Terra e o Sol, circunstância que é designada por “oposição” e corresponde à menor distância entre o planeta e a Terra, ou seja, ao maior brilho que oferece aos observadores terrestres. Na verdade, o brilho de Marte nunca chega a ultrapassar o de Júpiter, mas, mesmo assim, é fácil perceber a diferença de “luminosidade” que apresenta agora com a que lhe observaremos dois ou três meses depois. Olhando para o lado norte, torna-se evidente a alteração das posições de algumas constelações, relativamente ao horizonte, em particular a Urso Maior que

se apresenta na sua culminação superior, em oposição à Cassiopeia, que, na culminação inferior, quase raso o horizonte, tornando-se, por isso, de difícil observação a partir de locais pouco elevados ou com o horizonte “ocupado” por obstáculos como edifícios, árvores ou montanhas. Como sempre, a Estrela Polar indica o norte, sendo já visível – um pouco à direita dessa direção – a estrela Vega (da constelação da Lira), que, elevando-se no quadrante de noroeste, mostrará, durante toda a noite, a posição da M57 (ou “nebulosa do anel”) um objeto constituído por gases que se expandem a partir do que foi uma estrela semelhante ao Sol e cujos restos agora se contraem numa estrela bem mais pequena e de coloração branca. Com telescópios de pequena capacidade de ampliação, avista-se a nebulosa; com bons telescópios e boas condições atmosféricas, a “anã branca” aparece como um ponto luminoso na parte central da nebulosa em forma de anel.